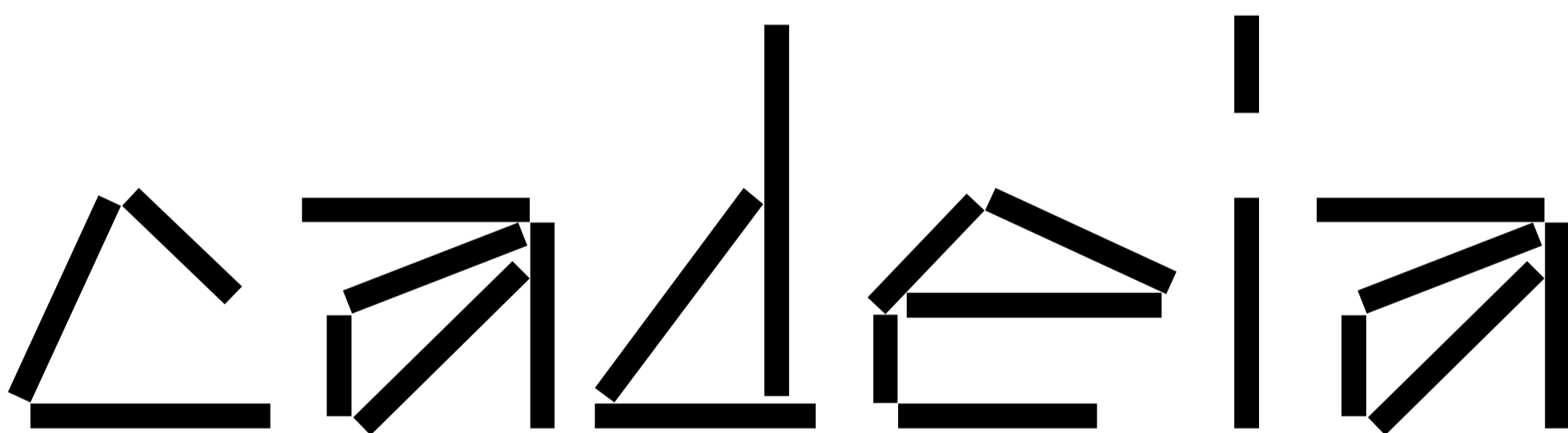
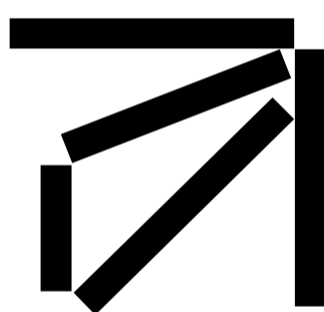
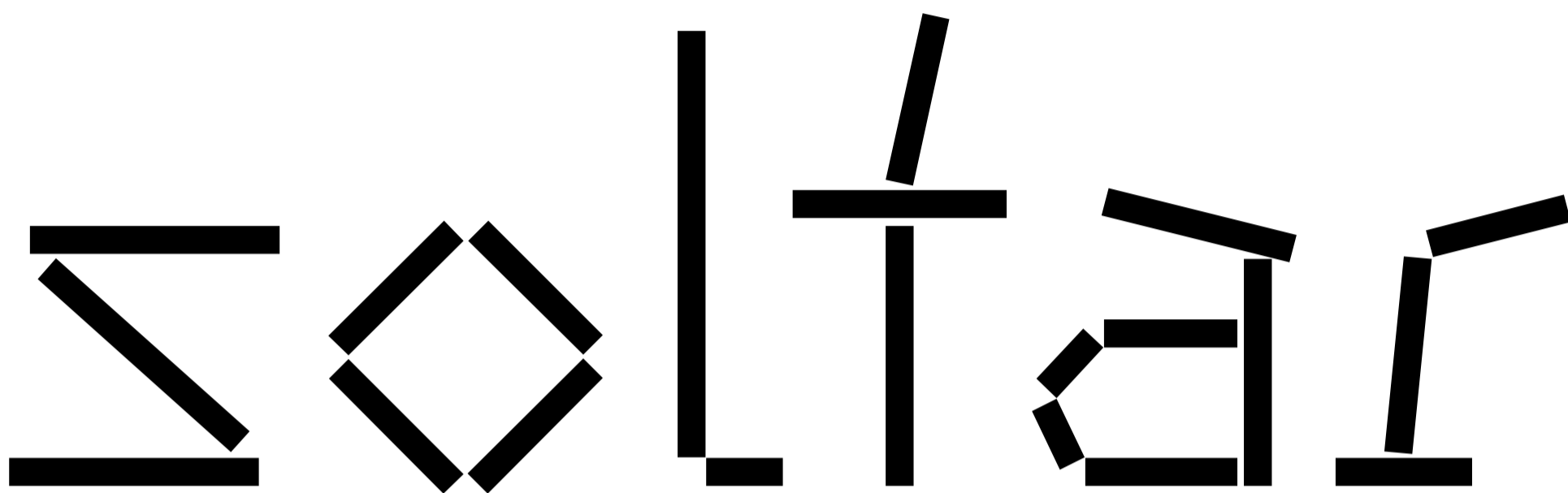


exposição individual de  
**Mauro Cerqueira**

**6 outubro a  
9 novembro**



curadoria de  
**José Maia e João Terras**

no  
**Espaço MIRA**

## A paisagem simbólica na obra de Mauro Cerqueira

“A compaixão não tem horários, trabalha sem descanso, come sandes, passa o dia na bonança do dever. Se é ou não feliz assim, ninguém o sabe. Mas havendo uma aliança entre hermenêutica e doença, a morte custa menos a passar, os dias dão no alvo da limpeza e a cidade desenvolve uma beleza cristalina. Campânula de ozono onde se pode, por milagre, respirar.” (Silva, 2005)

Entramos num lugar que não reconhecemos imediatamente.

Uma galeria que habitualmente visitamos para conhecer obras e exposições e onde, ano após ano, reencontramos amigos e conversamos acerca do estado das coisas; dos filhos, do trabalho ou do estado do tempo. Vemos que algo está diferente: a que se deve? O chão do Espaço Mira apresenta-se coberto por um conjunto de tapetes a que imediatamente associamos casa, mas não é conforto a primeira palavra que nos vem à cabeça.

Nos projetos artísticos da última década, o artista Mauro Cerqueira tem vindo a conciliar conjuntos simbólicos de despojos de um lugar com a criação de outros objetos a partir destes. Quando o lugar de origem está em constante deterioração, estes artefatos vivem de uma capacidade de resistência, de uma capacidade de sobrevivência.

O conforto aparente que nos é proposto pelo conjunto de tapetes que revestem o chão da galeria para a nossa passagem contrasta com a forma como cada um dos “não atores” se movimentam na tela que enche o espaço: o andar, o sentar, o fumar e até o falar para o lado, alinham-se num conjunto de gestos expectáveis de quem não está bem na sua própria pele, mas não se atreve a queixar.

Em 2014, Mauro Cerqueira utilizava excedentes de materiais das empresas e comércio falido da rua dos Caldeireiros para criar instalações multidisciplinares como uma espécie de palimpsesto da experiência do lugar; hoje em 2021, utiliza os letreiros usados das imobiliárias/leiloeiras que vendem e revendem os imóveis devolutos (alguns habitados) para que se tornem luxuosas casa de alojamento local. Os letreiros são aproveitados como suporte para composições visuais, que, como delicadas pinturas, procuram um equilíbrio entre os objetos encontrados, as características cromáticas de cada um, as combines (à Raushenberg) concebidas pelos despojos do lugar, resultando numa espécie de tesouro para estes habitantes.

Cerqueira retrata as pessoas e os lugares de uma forma em que aquilo que os liga é também o que os afasta, concebendo uma performance realista na qual o espectador vai recebendo aos bocadinhos aquilo que no dia-a-dia faz por evitar. Se não estivéssemos perante uma experiência na primeira pessoa, acharíamos que o sentimento voyeur destas imagens em movimento não nos era devido, que não seríamos dignos de penetrar no declínio dos cursos individuais das personagens desta rua, tão subtilmente diluídas na cidade.

A apresentação em contexto expositivo, de “Soltar a Cadeia” atira para o público um conjunto de reflexos - sem filtro - onde este se revê e se purga, num sentimento de afogamento em seco. A identidade da cidade do Porto é-nos apresentada através de um momento congelado no tempo, em que a transformação irreversível do centro da cidade é, na verdade, um fenómeno que se podia prever, e ao qual temos vindo a assistir inertes neste nosso tempo de vida. Nesse sentido, “Soltar a Cadeia” é um documento sólido de representação do aqui e agora, numa ótica de realismo com que a arte contemporânea sempre foi conseguindo lidar, e que será revisto num futuro que não temos forma de antecipar.

A estética da miséria a que o Porto antigo e cinzento nos habituou - especialmente para quem, como eu, se mudou para aqui antes do Porto 2001 - está em vias de se extinguir, à medida que a cidade se vai reconstruindo, reabilitando, vendendo e revendendo. À medida que muda, a cidade faz-nos mudar também: viver na periferia é cada vez mais uma opção, mudar a vida para as cidades dormitório. Mas há os que ficam, por não terem para onde ir.

No entanto, sentem que a cidade não é para eles, que os turistas se riem na sua cara, que a estética de uma fotografia que possam tirar à roupa estendida é a mesma de um rosto desdentado

- por anos de abandono ou desleixo - e que eles, indivíduos, na verdade não importam.

Esta é uma oportunidade de confronto: não é todos os dias que temos a possibilidade de ver num contexto expositivo o que nos esforçamos para evitar nos restantes dias. O conforto fornecido pelos tapetes debaixo dos nossos pés é apenas temporário e ilusório.

Para Stanley Brouwn - figura das artes performativas na Alemanha anos 1960/70, que conseguiu convencer a comunidade artística a não o entrevistar, fotografar, publicar informação biográfica sobre si ou as suas obras, - a forma como a arte habitualmente se promove, expondo as maiores fragilidades dos artistas e/ou modelos e forçando o público a tomar um posicionamento, é uma prova de que a arte contemporânea foi longe demais, ou ultrapassou mais uma barreira que será difícil de voltar a colocar de pé. Para Brouwn, “A arte deve ser purgada de cor, sentimentos e expressão individual” (Herbert, 2016, p.51), a ação artística deve ser conceptual e apresentar-se de forma clara, o que no seu caso se refletiu numa carreira obcecada por unidades de medida, distância, escala, o espaço: estar com outros no espaço.

Mas o nosso corpo não se consegue manter afastado de outros corpos, a atração que sentimos pelos outros não tem apenas a ver com romance, existem muitas outras formas de proximidade. Há uma maneira de estar em que desejamos e compreendemos que podemos ajudar o próximo mesmo sem saber como.

Talvez seja por isso que nos identificamos com a obra de Cerqueira.

Os rostos deste filme acusam depressão, desilusão, desistência, mas também a relação que estabelecem com o vício, a dependência de estupefacientes variados, que, de uma forma ou de outra, os levam ali, mesmo que dali nunca tenham tentado sair. Cerqueira mostra-nos alguns rostos fugazes, com planos afastados, e outros sem qualquer distanciamento, levando-nos a experimentar a profundidade de um olhar triste, dorido.

Num plano mais elevado, a cidade aparece, com a sua representação mais marcante: a ausência de cor, a chuva miudinha e as gaivotas. É quase como se fosse um resumo do que já antes vimos, mas que ajuda a engolir um pouco mais de oxigénio, porque este parece escassear.

Os letreiros de venda que vimos invadir as exíguas janelas e varandas da rua dos Caldeireiros ganham cada vez mais importância à medida que vemos o filme. Como grandes bandeiras ou lençóis, evocam simbolicamente as mantas que colocamos nas varandas para a passagem de uma procissão cristã, ou receber a visita Pascal em dia de celebração religiosa.

Os “não atores” são afinal agentes ativos da obra de Cerqueira, pois são eles que apanham os letreiros dos seus lugares originais (antes ou depois da venda), numa parceria, uma forma de co-criação ou colaboração. Estes atores deixam-se filmar, entram em diálogo(s), compreendem o lado voyeur como algo necessário, para que seja possível passar uma determinada mensagem, contando as micro-narrativas de cada um deles: desde os problemas das casas às situações individuais de cada um, ou até dos vizinhos.

Este filme é como se fosse um retrato, como ato de resistência, pelos que ainda se levantam para viver mais um dia, por si mesmos e pela comunidade onde pertencem. Seguramente, um dia olharemos para trás para entrar a obra de Mauro Cerqueira inserida numa narrativa muito maior do que nós.

Joana Mendonça

### Referências:

- Deleuze, G. (2004), “A Imagem-movimento Cinema I”, ed. Assírio & Alvim, ed. original 1983, Les Éditions de Minuit, Paris;
- Didi-Huberman, G. (2012), “Imagens apesar de tudo”, Lisboa, ed. KKYM, ed. original 2004, Les Éditions de Minuit, Paris;
- Rancière, J. (2003), “O destino das imagens”, ed. Orfeu Negro, Lisboa;
- Herbert, M. (2016), “Tell them I said no”, ed. Sternberg Press, Berlin;
- Silva, J. M. (2005), “Movimentos no Escuro”, ed. Relógio D’Água, Lisboa;

**“Edifiquei a minha cabana no meio dos homens”  
Uma página para Soltar a Cadeira de Mauro Cerqueira**

Ainda aqui estamos, é tudo o que as criações de Mauro Cerqueira continuam a dizer. É o que me apetece escrever sobre este mundo e sobre estes lugares, até porque no limite as obras de Cerqueira assim como a matéria fervente de todos os artistas, poetas e filósofos são tudo aquilo que nos permitem apetecer escrever e rever do mundo.

A cidade do Porto que cedo o artista narrou não se tornou capa de fundo de uma vontade documental. O Porto é a deriva de um lugar pensante para alcançar qualquer outro. Afinal ainda aqui estamos e o Porto são todos os outros lugares que se desenvolvem sobre esta égide de cidade, aqui como em qualquer outro lugar. A rua dos Caldeiros, como a ribeira da Faina Fluvial de Manoel de Oliveira. Partir do Porto para olhar o mundo, partir da ficção sobre os sulcos do real para só aí o podemos alcançar em pleno.

Sem qualquer tipo de convivência aquilo que vemos agora, aqui sentados e diante deste filme, é de novo o corpo do artista, agora com a mão numa câmara a gravar-nos, nós e todos os que habitam a cidade nos sulcos das suas margens, aqueles que suturam e que cozem os desvios da ordem e do processo. (lembro de novo a mão de Duras e as ruas de Paris).

Dos lugares de desvio e controle às vezes esquecemo-nos das ruas.

O final, uma sequência cinematográfica montada numa assemblagem do mesmo modo como aglomera e monta uma imagem, quadro, escultura ou instalação.

A mesma explosão e implosão das matérias do mundo.

E a obra de Mauro Cerqueira tem cimentado a certeza de que tudo é o mesmo, não existem grandes distâncias nos gestos, estamos sempre num mesmo vórtice, as assemblages, as aglomerações de objetos, o desenho gravado, pintado ou rasurado, as projeções, os vídeos e as performances, o artista a saltar sobre as obras, as obras a implodirem, afinal o espaço da criação vive do mesmo gesto e mostra o mesmo. No filme parece surgir mais presente e direto, porém, toda a obra sempre foi isso, sempre foi a cidade, a invasão do real, as explosões petrificadas, a revelação do presente, a projeção das várias cadências e decadências, as vertigens dos homens, o ócio, (...) a velocidade como que as imagens correm é que são de tempos diferentes, aparentemente.

Se olharmos de frente para a conversa que “Soltar a Cadeira” nos permite, não se trata de um trazer à tona, de um mostrar um lugar escondido, de ser dominado pelo submundo de uma cidade, trata-se de uma visão clara daquilo que são os movimentos e os corpos de um tempo e de um lugar e o que eles ainda nos dizem sobre o mundo.

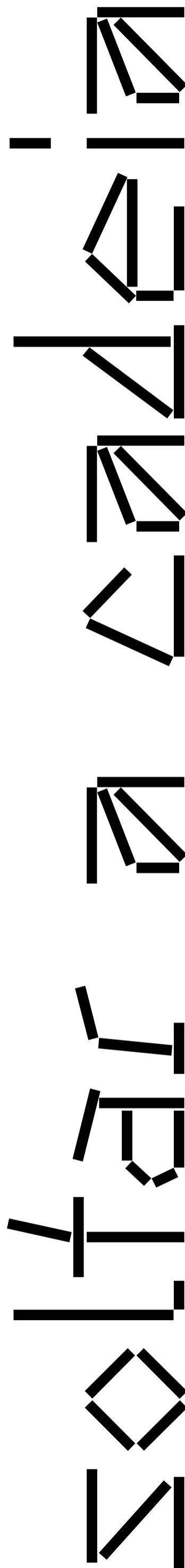
Os poetas desde o início dos tempos são aqueles que melhor narram o mundo, nas palavras as imagens existem e correm com a mesma velocidade que no filme. Ainda aqui estamos e ao ver o filme de Mauro Cerqueira copio as palavras transcritas do mandarim antigo para o português moderno, pelas tramas da língua e aquilo que se possa ter perdido, uma parte de um poema de Tao Yuanming um dos antigos poetas da China ou dos inícios das civilizações orientais.

Ainda que sórdido podemos ouvir este poema ao olharmos estas imagens.

Bebendo vinho  
Edifiquei a minha cabana  
no meio dos homens  
porém não se ouve o clamor  
de carroças ou cavalos  
e tu perguntas-me,  
Como é que é possível ?  
Quando o coração se ausenta,  
até os lugares se afastam também.  
(...)  
Alguém se apercebeu de que falta alguém ?

Tao Yuanming  
(Tradução Manuel Afonso Costa, Assírio & Alvim)

João Terras



## **LISTA DE OBRAS**

Hdv, 16:9, vídeo, cor, som  
54 minutos  
2021

## **AGRADECIMENTOS**

Jaime Garcia  
Pedras & Pêssegos

Mónica Rocha

Patrícia Vaz  
Galeria Municipal do Porto

Teatro Nacional São João

## **FICHA TÉCNICA**

Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção Artística José Maia

Curadoria José Maia e João Terras

Design José Filipe Alexandre

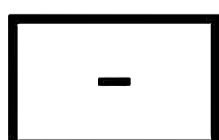
Documentação: Cristiana Fernandes

Assistente Patrícia Barbosa

## **Espaço MIRA**

Rua de Miraflor nº 159 Campanhã, Porto  
929 145 191 / 929 113 431

*<http://miragalerias.net> [espacomira@miragalerias.net](mailto:espacomira@miragalerias.net)*



ESPAÇO  
MIRA



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

dgARTES  
DIREÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

